

O ARQUÉTIPO DO GUARDIÃO EM *CAVALEIROS DO ZODÍACO*: UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO CAVALEIRO DE OURO DE ÁRIES, MÚ

THE GUARDIAN ARCHETYPE IN KNIGHTS OF THE ZODIAC: A SEMIOTIC ANALYSIS OF THE GOLDEN KNIGHT OF ARIES, MÚ

Thiago Barbosa Soares¹

RESUMO

O presente artigo analisa, sob a perspectiva da semiótica arquetípica, a composição do guardião na personagem Mú de Áries, do anime *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Para alcançar tal propositura, segue-se o traçado metodológico-heurístico da semiótica arquetípica desenvolvido por Soares (2020). Desse modo, recorre-se ao uso da conceituação junguiana de arquétipo (Jung, 2002) que, por sua vez, possibilita a aplicação extensiva tanto das quatro fases constituintes da narrativa (Platão; Fiorin, 1993) quanto dos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) sobre os quais assentam a análise cujo tensionamento é compreender a valência dos principais traços ligados à estrutura semiótica do guardião. Segundo os dois parâmetros, a atuação de Mú como mentor e restaurador das armaduras dos cavaleiros de bronze reforça e atualiza sua função de guardião, transcendendo a mera proteção física para alcançar um nível ético e moral. Como avaliação das possíveis contribuições oriundas da investigação empreendida, constata-se, entre outros elementos, que Mú personifica a integridade e o discernimento, tornando-se uma figura emblemática no universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco*, cuja atuação ressoa com questões profundas da condição humana.

Palavras-chave: Mú de Áries, Semiótica arquetípica, CDZ.

ABSTRACT

This article analyzes, from the perspective of archetypal semiotics, the composition of the guardian in the character Mú de Áries, from the anime *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). To achieve this proposition, the methodological-heuristic outline of archetypal semiotics developed by Soares (2020) is followed. Thus, the use of the Jungian conceptualization of

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Líder do Grupo de Estudo de Análise do Discurso (GESTADi-UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: thiago.soares@mail.uft.edu.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>.

archetype (Jung, 2002) is used, which, in turn, allows the extensive application of both the four constituent phases of the narrative (Plato; Fiorin, 1993) and the four points of the basic needs of archetypal constitution (Mark; Pearson, 2003) on which the analysis is based, whose tension is to understand the valence of the main traits linked to the semiotic structure of the guardian. According to both parameters, Mu's role as mentor and restorer of the Bronze Knights' armor reinforces and updates his role as guardian, transcending mere physical protection to reach an ethical and moral level. As an assessment of the possible contributions arising from the investigation undertaken, it is found, among other elements, that Mu personifies integrity and discernment, becoming an emblematic figure in the universe of Saint Seiya, whose actions resonate with profound questions of the human condition.

Keywords: Aries Mu, Archetypal Semiotics, CDZ.

Considerações iniciais

A cultura contemporânea de entretenimento aproveita frequentemente os discursos mitológicos e seus derivados para produzir novas formas de atualização de seus mecanismos de capitalização de sentidos. Reformular aquilo que outrora foi parte de uma explicação de funcionamento do mundo, em boa medida, parece ser mais fácil do que criar uma nova para entreter o grande público. Com esse delineamento constativo, verifica-se que as produções da indústria de entretenimento remodelam, em grande parte, projetos narrativos já existentes, orientando-os para angariar a atenção e, a partir da dominação dessa, disseminar tendências de moda, de comportamento, de consumo, etc.

O caso emblemático encontra-se em *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), série animada de televisão, que foi capaz de gravar em uma geração a perspectiva dos signos zodiacais, sendo essa série uma das principais responsáveis pela atual e comum indagação em conversas: “qual é seu signo?”. A esse respeito, Soares (2024) assevera: “seriados como *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986) podem trazer informações valiosas quanto à constituição dos discursos circulantes no espaço social” (Soares, 2024, p. 44). Nesse direcionamento, pode-se, com um breve recenseamento feito no buscador do Google, verificar que, mais do que entreter, tal seriado traz um rol de possibilidades interpretativas segundo as quais se pode proporcionar conhecimento.

Eis algumas investigações que endossam e expandem a afirmação do final do parágrafo anterior. Barbosa (2018) propõe o uso criativo e crítico do anime “Os

Cavaleiros do Zodíaco” como recurso didático no ensino de História, analisando referências históricas presentes na obra e sua aplicabilidade em sala de aula. Freire (2020) examina as diferentes traduções do mangá “Cavaleiros do Zodíaco” no Brasil, discutindo os desafios e particularidades da tradução de narrativas em quadrinhos japonesas para o português. Bezerra (2023) analisa como mitologias greco-latinas são incorporadas no mangá “Os Cavaleiros do Zodíaco” (mesmo nome da série televisiva), investigando a influência desses elementos clássicos na estrutura narrativa da obra.

Pereira (2024) estuda o potencial do anime e mangá “Cavaleiros do Zodíaco” como ferramenta pedagógica no ensino de Ciências Naturais e Matemática, destacando como elementos da série podem auxiliar na compreensão de conceitos científicos. Já Prilla (2024) analisa a teopoética presente no mesmo mangá, explorando a natureza do conceito de “cosmo” e sua relação com temáticas como religião, astronomia e astrologia. Para o fim do breve inventário, Soares (2024) descreve e interpreta um diálogo entre dois personagens de “Os Cavaleiros do Zodíaco” (Kurumada, 1986), Máscara da morte, cavaleiro de ouro de Câncer, e mestre Ancião, cavaleiro de ouro de Libra, descobrindo a orientação dos enunciados conforme as epistemes moralista e relativista presentes no enquadramento social do diálogo. Em vista desse panorama, brevemente levantado, as repercussões derivadas de tal obra vão ao encontro do que De Masi (2019) diz: “Às vezes – embora seja raro acontecer –, o que parecia entretenimento despreocupado acaba por revelar uma consistência intelectual, se analisado com mais atenção” (De Masi, 2019, p. 158).

Diante do que foi dito, este artigo objetiva analisar, sob a perspectiva da semiótica arquetípica, o arquétipo do guardião presente na personagem Mú, cavaleiro de ouro de Áries, da série animada *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986) – a abreviação aqui usada será CDZ. Para alcançar tal propositura, segue-se o traçado metodológico-heurístico da semiótica arquetípica desenvolvido por Soares (2020, 2021a, 2021b, 2023). Portanto, em vista da organização arquitetônica deste texto, três seções são subsequentemente abertas, além destas **Considerações iniciais**, uma primeira, **A semiose (narrativa) do arquétipo de Mú de Áries**, na qual se descreve e interpreta a disposição semiótica de Mú à luz do funcionamento arquétipo do guardião, consoante às quatro fases constituintes da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). A segunda, **A**

semiótica das necessidades básicas no guardião em CDZ, na qual a relação entre os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) demonstra a narratividade semiótica de Mú. A última, **Considerações finais**, na qual há uma avaliação das possíveis contribuições oriundas do exame empreendido.

A semiose (narrativa) do arquétipo de Mú de Áries

Nesta seção importa destacar os elementos que constituem a semiose narrativa do arquétipo da personagem Mú de Áries, cavaleiro dourado da série animada *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), segundo três metodologias interpretativas complementares, a composição clássica da jornada do herói (Campbell, 2007), as emanções do herói (Vogler, 2006) e as fases da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). Entretanto, antes de tal adentramento, faz-se necessário uma circunscrição dos principais traços e características de Mú no interior do projeto narrativo em questão. Assim, com tal perspectiva secundária no horizonte, encontra-se, nesta personagem, um sujeito calmo e sereno, com inúmeras aptidões: telecinese, telepatia e teletransporte. Não há outro guerreiro no universo de CDZ possuidor dessas mesmas habilidades. Além disso, ele, por ser detentor de um enorme poder de luta e um gigante senso de justiça, está frequentemente isolado.

Mú é o primeiro cavaleiro de ouro dos doze signos zodiacais, responsável por impedir qualquer um não autorizado a entrar no santuário de Athena, na Grécia. Sua constelação é Áries, muito embora suas qualidades sejam um tanto quanto distintas das deste signo. Por ser um dos dissidentes a não obedecer às ordens do Grande Mestre do santuário – uma espécie de regente da deusa enquanto essa ainda não se manifesta encarnada –, Mú mantém-se distante em sua terra natal, Jamiel, uma região montanhosa entre a China e a Índia. É apenas quando os cavaleiros de bronze, para salvar a vida de Athena, chegam à sua casa que ele aparece vestido com sua armadura dourada, revelando-se como um dos doze guardiões do lugar. Esse fato dá-se no episódio 42 do seriado televisivo e marca o posicionamento desta personagem emblemática em *Os Cavaleiros do Zodíaco*.

Feita essa breve contextualização do representante do arquétipo do guardião em CDZ, resta a circunscrição conceitual desse segundo a ótica instrumental do actante,

estruturado por semioses configurativas de papéis no interior da narrativa (Greimas; Courtés, 1989). De maneira bastante simplificada, um papel é desempenhado por actante, que em muitos casos é uma personagem, tal como Mú de Áries. Assim, como cada actante desempenha um ou mais papéis cuja cadência narrativa possibilita o desenvolvimento da trama, pode-se dizer que ele é um mobilizador de ações cuja segmentação é entendida como consequência de um núcleo estruturante dentro, conforme Soares (2021a), de “uma gramática funcional dos casos de ação que ele desempenha em seu espaço narrativo” (Soares, 2021a, p. 25). Nesse sentido, explicam Greimas e Courtés (1989), “o conceito de actante deve, igualmente, ser interpretado no âmbito da gramática dos casos, em que cada caso pode ser considerado como a representação de uma posição actancial” (Greimas; Courtés, 1989, p. 12-13).

O funcionamento do actante no sistema ficcional é marcado por um “próprio sistema de expectativas” (Eco, 2018, p. 75), que se atualiza em um “sistema de significação original” (Eco, 2018, p. 75), permitindo, conforme Soares (2023), distinguir personagens como adjuvantes ou actantes nucleares com base em sua relevância narrativa (Soares, 2023). Enquanto alguns actantes nuclearizam a trama, outros atuam como auxiliares, já que, como explica Soares (2020), “a actância do herói preenche o espaço da narrativa mesmo com sua ausência, estabelecendo sua força centrípeta em relação aos demais actantes” (Soares, 2020, p. 116). Greimas e Courtés (1989) destacam que, “na progressão narrativa, o actante pode assumir diversos papéis, definidos por sua posição no encadeamento lógico e por seu investimento modal” (Greimas; Courtés, 1989, p. 13), permitindo, por exemplo, que um adjuvante assuma temporariamente a actância nuclear.

Essa multifacetada atuação do actante permite, segundo Soares (2023), “a existência de um herói que não seja necessariamente o protagonista, dependendo das demandas do projeto narrativo” (Soares, 2023, p. 208). Um exemplo é Mú, em CDZ, cuja influência arquetípica é significativa, mesmo com desempenho reduzido pelo sistema centrípeta de Seiya. Dessa maneira, a dinâmica dos actantes e seus projetos temáticos sustentam a cadência narrativa, sendo que, conforme Propp (2006), “por função, compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação” (Propp, 2006, p. 17). Essa perspectiva

permite analisar Mú como actante passível de estudo descritivo-interpretativo, análogo a um actante nuclear, especialmente no arco das doze casas de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). A actância de Mú, sob o arquétipo do guardião, como aqui refletida, baseia-se na psicologia arquetípica (Hillman, 2022), derivada do conceito junguiano, possibilitando a análise da semiose narrativa desse arquétipo na obra em questão.

O estudo da semiose narrativa do arquétipo do guardião em Mú, de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), baseia-se no conceito junguiano de arquétipo, que, segundo Jung (2002), é um “correlato indispensável da ideia do inconsciente coletivo, indicando a existência de determinadas formas na psique presentes em todo tempo e lugar” (Jung, 2002, p. 53). O arquétipo, como estrutura antropológica, independe de contextos históricos ou geopolíticos, aproximando-se das formas ideais de Platão (2004) por sua vinculação ao inconsciente coletivo, uma instância pouco acessível. O inconsciente coletivo, conforme Jung (2002), difere do inconsciente pessoal por não derivar de experiências individuais, sendo composto essencialmente por arquétipos, enquanto o inconsciente pessoal é formado por complexos (Jung, 2002, p. 53). Essa distinção é crucial para a análise do arquétipo do guardião em Mú, já que o inconsciente coletivo serve como base para as semioses narrativas que disseminam experiências humanas. Arquétipos como o herói, o sábio e o guardião estão presentes em diversas culturas (Campbell, 2007), organizando, como afirma Von Franz (1992), “representações simbólicas em padrões de comportamento” (Von Franz, 1992, p. 104, apud Grinberg, 1997, p. 136).

A análise do arquétipo sob a perspectiva da semiótica arquetípica (Soares, 2020; 2021a; 2021b; 2023) revela seu caráter dual, combinando elementos perceptíveis e sensíveis. Como destaca Hillman (2022), “uma imagem arquetípica opera como o significado original da ideia: não somente ‘aquilo que’ se vê, mas também ‘aquilo através do que’ se vê” (Hillman, 2022, p. 41). Jung (2018) reforça que os arquétipos são “imagens e ao mesmo tempo emoções”, resultantes de “inúmeras experiências típicas de toda uma genealogia” (Jung, 2018, p. 276; p. 82). Essa dualidade permite que os arquétipos se reformulem ao longo do tempo, mantendo um núcleo semiótico estável, mas adaptando-se a contextos específicos. Assim, a semiose narrativa do guardião

expressa por Mú pode ser analisada pela semiótica arquetípica, considerando sua manifestação no universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986).

A partir desse repertório teórico, pode-se entender com maior profundidade o desempenho da performance do cavaleiro dourado de Áries, que contribui enormemente para o início da jornada de Seiya, Shun, Yoga e Shiryu ao atravessarem as 12 casas do santuário. Mú para o avanço dos cavaleiros de bronze por razões altamente relevantes para o desenrolar da trama: restaurar as indumentárias avariadas e instruir sobre o sétimo sentido. Como guardião da primeira casa zodiacal, o ariano, cuja fidelidade volta-se somente à Athena, não se envereda por uma luta, ao invés disso, colabora tanto materialmente quanto intelectualmente para que os outros defensores da deusa possam ser capazes de chegar à sala do Grande Mestre. Nesse direcionamento elucidativo, com base na arquetipia do guardião, a actância de Mú corresponde à imagem que, nas palavras de Quintás (2016), é “o valor que se ilumina quando se identifica com um homem, quando o objeto se liberta de sua opacidade individualista e se interioriza no sujeito” (Quintás, 2016, p. 63).

Esse recorte da actância do cavaleiro de ouro de Áries, como seus dois principais pontos levantados, explicita a atualização da arquetipia do guardião, já que, em primeira e última instância, seu compromisso fundamental sempre foi proteger a Athena e, por meio da restauração das indumentárias dos outros defensores da deusa e da explicação de como o poder dos cavaleiros de ouro, ao atingir o sétimo sentido, funciona, Mú cumpriu seu propósito e não deixou de ficar ao lado de sua suserana quando essa, em estado frágil, encontrava-se atingida por uma flexa dourada no peito. Todavia, como tal personagem, sob enfoque investigativo, trata-se de um actante auxiliar, pois não recebeu maiores contornos semânticos, especificamente na saga das 12 casas, tampouco recebeu maiores investimentos em seu projeto narrativo particular, mesmo que sua expressividade semiótica no tecido ficcional de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), as combinações e as articulações de seus feitos sejam perceptíveis em diversos níveis (Greimas; Courtés, 1989; Fiorin, 1990; Barros, 2005) de progressão da narrativa global.

Considerando a função arquetípica desempenhada pelo cavaleiro de Áries no contexto ficcional de CDZ, é possível recorrer às estruturas narrativas míticas presentes

em diversas culturas (Campbell, 2007), as quais oferecem um maior nível de estabilidade interpretativa. Em vista da conjunção desse fato, a estrutura clássica da jornada do herói (Campbell, 2007) serve como base metodológica inicial para a análise da semiose narrativa do arquétipo representado por Mú. De acordo com Campbell (2007), os planos – sobre esses, adianta-se que, predominantemente, vigoram em actâncias nucleares, embora seja possível encontrar vários desses em actantes adjacentes – são: 1) o mundo comum; 2) o chamado para a aventura; 3) a recusa do chamado; 4) o encontro com o mentor; 5) a travessia do umbral; 6) os testes, aliados e inimigos; 7) a aproximação do objetivo; 8) a provação máxima; 9) a conquista da recompensa; 10) o caminho de volta; 11) a depuração; e 12) o retorno transformado.

Mú encontra-se, desde sempre no universo de CDZ, entre os seres distantes do mundo comum, porém, quando o chamado para a aventura acontece aos cavaleiros de bronze, ele aparece para dar-lhes o devido auxílio. Quanto ao terceiro estágio, o dourado de Áries recusa o chamado do Grande Mestre do santuário por não lhe validar a autoridade, de modo que se afasta do lugar até ser necessário. Mú vê-se como um mentor de Seiya, Shun, Yoga e Shiryu, pois lhes assiste com suas armaduras e com conselhos valiosos para as batalhas contra os outros cavaleiros de ouro. O ariano não passa pela travessia do umbral nesta saga das 12 casas, mas fica ao lado de Athena em todo o tempo que essa está convalescendo. Mú faz parte do pequeno conjunto de aliados dos cavaleiros de bronze e os acompanha, por meio de suas respectivas cosmo-energias, à aproximação do objetivo, alcançar a sala do Grande Mestre, depois das 12 casas. Como um dos mais poderosos cavaleiros de ouro, Mú passa pela provação máxima ao deixar o destino de Athena nas mãos de Seiya, Shun, Yoga e Shiryu.

Já a conquista da recompensa, voltada apenas à circunscrição do arco da saga dos cavaleiros de ouro, é justamente a recuperação e restabelecimento da deusa, o que, por sua vez, está no caminho de volta, ou seja, o retorno permanente de Mú a sua casa de proteção no santuário. Nesse direcionamento elucidativo, acerca das etapas da jornada do herói (Campbell, 2007), o cavaleiro de Áries não passa pelas duas últimas fases, a depuração e retorno transformado, porquanto não carece de redenção e sua modificação actancial dá-se antes mesmo do início do arco em questão. Assim, importa destacar que Mú, neste artigo, é elevado à condição de herói para receber o

preenchimento dos estágios tradicionais pelos quais passa um. Nessa perspectiva, a concepção da actância do cavaleiro de ouro de Áries, conforme sua performance colaborativa, traz para a descrição de sua semiose narrativa a relação existente entre os arquétipos do herói e do guardião. A esse respeito, Vogler (2006) assevera: “Os heróis devem aprender a ler os sinais de seus Guardiões de limiar” (Vogler, 2006, p. 73). É com esse horizonte que se deve entender a vinculação entre o actante nuclear e o adjacente, no caso de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), cuja verticalidade analítica demonstra a arquetipia do guardião, que Vogler (2006) intitula de guardião do limiar.

A actância arquetípica só é possível de ser compreendida conforme as relações semânticas vão dando-se no interior do projeto narrativo no qual as personagens interagem. Desse modo, de acordo com Vogler (2006), “o guardião de limiar não é um inimigo ameaçador, mas um aliado útil, e um indicador prévio de que está a caminho um novo poder ou acontecimento” (Vogler, 2006, p. 73). Segundo esse mirante, a partir do qual essa ligação entre actantes permite verificar os desdobramentos da arquetipia do herói em relação à do guardião, abaixo, no esquema circular, é possível perceber as emanções do centro organizador essencial dos demais arquétipos.

Figura 1: Emanações do herói (Vogler, 2006, p. 50).



Cabe distinguir o principal elemento estruturante de todas as actâncias performáticas de outros arquétipos, isto é, o próprio arquétipo de herói como arquitetura de imagem e emoção (Jung, 2018) subjacente aos demais arquétipos e seus respectivos

percursos narrativos de sentido. No caso de CDZ, o actante nuclear e herói é Seiya, entretanto, como Mú, para este estudo é alçado à condição analítica de herói. Na toada interpretativa da extensão do eixo de atuação do herói, de acordo com Campbell (2007), “o herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas, pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas” (Campbell, 2007, p. 28). Segundo esse direcionamento esclarecedor, o cavaleiro de ouro de Áries, por suas funções desempenhadas no interior do projeto ficcional de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), em filigrana no arco das 12 casas, pode-se enquadrar na perspectiva atômica de interpretação de papéis narrativos sob a égide do guardião de limiar (Vogler, 2006). Aproveita-se, neste momento oportuno, para dizer que a personagem em questão, quando de seu protagonismo actancial, recebe seu treinamento para se tornar cavaleiro de Athena, sendo, então, detentor do percurso narrativo do herói antes de exercer a actância do guardião.

Para quem ler a figura acima (Vogler, 2006) e acreditar que Mú é um aliado, uma vez que sua performance em toda a trajetória narrativa em CDZ remonta a uma personagem auxiliar benéfica aos actantes nucleares, cabe apresentar, conforme explica Soares (2021b), que o aliado está presente em “fases positivas e das negativas, eufóricas e disfóricas, do actante nuclear fornecendo-lhe estímulo para sua própria jornada” (Soares, 2021b, p. 40), mas, por essa razão ontológica, deixa de ter seu próprio percurso, caso distinto do cavaleiro dourado de Áries. Esse possui sua função como guardião da primeira casa zodiacal do santuário de Athena, portanto, por mais similar que a performance do guardião seja da do aliado, suas respectivas atuações são conduzidas por sentidos próprios. Decorrente dessa constatação, somada à averiguação do esquema das quatro fases constituintes da narrativa no desenvolvimento da arquetipia de Mú de Áries, tem-se, abaixo, o seguinte encadeamento proposto por Platão e Fiorin (1993, p. 57):

MANIPULAÇÃO → COMPETÊNCIA → PERFORMANCE → SANÇÃO

Esses estágios de desempenho actancial sintetizam com relativa especialização aquelas etapas da jornada do herói (Campbell, 2007), porquanto cada um já carrega em

sua formulação semiológica a pressuposição de sua anterior, sendo a sanção o coroamento de toda a atuação de um determinado protagonista. Diante dessa ligeira aproximação de duas estruturas interpretativas de projetos narrativos performatizados por actantes, volta-se à caracterização da manipulação feita por Barros (2005), para quem a primeira fase “tem a estrutura contratual da comunicação” (Barros, 2005, p. 37), ou seja, faz com que quem seja o alvo do contrato não tenha alternativa senão aceitá-lo, já que “o destinatário é levado a efetuar uma escolha forçada” (Barros, 2005, p. 37). Ao verificar tal estágio na constituição do desempenho de Mú, encontram-se três movimentos: seu retorno à casa de Áries, a restauração das armaduras de Seiya, Shun, Yoga e Shiryu, a guarda da Athena ferida. Não se pode dizer que quaisquer desses atos foram obrigados, mas, antes, o ariano foi compelido pelas circunstâncias a tais ações.

Para entender a relação dinâmica depositada na manipulação, é preciso saber que essa faz com que haja a expressão da competência do actante, tal como explicita Barros (2005): “Manipulação e competência são correlativas, ou seja, são pontos de vista diferentes sobre o programa de aquisição” (Barros, 2005, p. 36) de saberes e capacidades actanciais. Em outros termos, ainda elucidados por Barros (2001), é partir da manipulação que, emergindo a competência, a personagem “torna-se sujeito competente para um dado fazer ou performance e executa-o, passando a sujeito realizador” (Barros, 2001, p. 35). O cavaleiro dourado de Áries demonstra suas habilidades por meio da restauração das armaduras de bronze e mediante sua lição acerca de como as lutas contra os cavaleiros de ouro serão. Suas habilidades latentes são expressas por meio de sua performance como restaurador e como instrutor, por mais que esses dois processos tenham sido relativamente curtos, foram absolutamente expressivos para o desenvolvimento do projeto narrativo estruturante do universo de CDZ, principalmente na saga das 12 casas.

Por fim, a sanção, como explana Barros (2005), é “a última fase do algoritmo narrativo, apresenta-se como um fim necessário” (Barros, 2005, p. 39). Mú, posteriormente às três fases, recebe sua sanção, como representante do arquétipo do guardião, o restabelecimento da saúde de Athena e, conseqüente, o retorno dessa à função de deusa do santuário, com a destituição do Grande Mestre. Nesse direcionamento, a sanção para o ariano, bem como para a acentuada maioria dos tipos

de arquétipos de guardiões, é ter seu desempenho cumprido com seu propósito. Portanto, tal conjunto de ações performatizadas pelo dourado de Áries é parcela subjacente ao projeto narrativo no qual a actância de Mú enquadra-se e contribui significativamente para uma remodelagem no programa narrativo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Todavia, há mais elementos semióticos a serem depreendidos quanto à quadratura das necessidades básicas que formatam o jogo de sentidos do arquétipo do guardião (Mark; Pearson, 2003) em CDZ.

A semiótica das necessidades básicas no guardião em CDZ

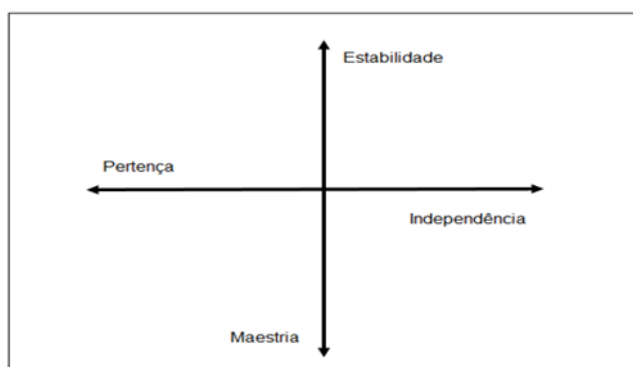
Diante da propositura segundo a qual este artigo foi traçado, descrever e interpretar a semiótica do guardião em Mú, em CDZ, a verificação da valência dos principais traços ligados à estrutura semiótica do guardião em relação aos quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003), traduz-se como um movimento metodológico necessário posterior à caracterização das quatro fases constituintes da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). Assim, em vista de um aprofundamento de delimitação do objeto da semiótica, verticalizada nesta seção por meio das necessidades básicas da composição do arquétipo, Soares (2018) destaca que “ela é uma teoria dos signos, da representação e do conhecimento, que elabora uma extensão da lógica no território da cognição e da experiência dos fenômenos” (Soares, 2018, p. 96). Na mesma linha, Eco (1981) complementa: “por estes e por outros motivos, a semiótica não é apenas uma teoria, mas uma prática comum. É-o porque o sistema semântico muda e ela só o pode descrever parcialmente e em resposta a acontecimentos comunicativos concretos” (Eco, 1981, p. 172).

Considerando as reflexões sobre a semiótica e seu objeto, Soares (2023) argumenta que “o projeto arquitetônico de um arquétipo não difere substancialmente de uma personagem cujas características ganham relevo por seu contraste com outras no plano de construções actanciais, recebendo uma gramática própria de seu funcionamento” (Soares, 2023, p. 212-213). Essa perspectiva é corroborada por estudiosos como Todorov (2006), Vogler (2006) e Campbell (2007), que validam a dimensão performativa da gramática presente tanto no âmbito universal dos arquétipos quanto no contexto específico dos actantes, reforçando a ideia de que a semiótica opera

como um sistema dinâmico e estruturado, capaz de articular significados em diferentes níveis de análise. Após essas colocações justificadas sobre outra metodologia possível para o exame da semiótica do guardião, em *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), passa-se para o segundo momento integrativo deste artigo, no qual a semiótica das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) de Mú de Áries são consideradas, segundo os entrelaçamentos dos desdobramentos orgânicos, as estruturas da semiose narrativa desse actante, tal como descrita na seção anterior.

Para representar de maneira clara e esquematizada as necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003), utiliza-se a figura abaixo, na qual quatro elementos interconectados são organizados em eixos paralelos, representando os seguintes sentidos: pertença, estabilidade, independência e maestria. Essa estrutura ilustra de forma fiel às dimensões fundamentais que compõem os arquétipos.

Figura 3: Necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003, p. 28).



Quanto à pertença de Mú, cabe ressaltar que ele é parte integrante da elite de cavaleiros de ouro, os quais são os mais poderosos de todo o projeto narrativo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (CDZ), salvo quando comparados aos deuses. O ariano também faz parte de um pequeno grupo de dissidentes do santuário, ou seja, ele e outro colega, Dokho de Libra, não atendem às ordens do Grande Mestre, pois não o consideram um representante digno de sua função, ou, contrariamente, vêm o regente como um ser maligno. Nesse direcionamento explicativo, Mú, por seus princípios elevados, atua com um grau maior de independência em relação aos demais cavaleiros de ouro, mas, mesmo assim, desempenha seu papel de guardião, sobretudo quando sua casa zodiacal é “visitada” por Seiya, Shun, Yoga e Shiryu. Conforme visto, o eixo horizontal de

constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) de Mú de Áries equilibra-se entre, de maneira balanceada, a pertença e a independência, sem que haja quaisquer quebras na perspectiva de condução arquetípica da actância do guardião. Em outros termos, mesmo que tais polos semânticos sejam opostos entre si, o desempenho do cavaleiro em questão os acomoda bem em seu percurso de sentidos, demonstrando uma complexidade narrativa que reflete a dualidade inerente à condição humana.

No caso do eixo vertical, estabilidade-maestria, Mú destaca-se por ter uma habilidade única: reparar as armaduras. Além disso, ele é detentor de telecinese, telepatia e teletransporte. Com todas as características que o deixam muito distante dos outros actantes da série, o cavaleiro dourado de Áries é, sem qualquer dúvida, o guerreiro de Athena mais sereno e colaborativo de todos os protetores do santuário. As atividades desempenhadas pela atualização da arquetipia do guardião em Mú, no tocante ao eixo vertical, demonstram um conjunto de saberes e poderes muito bem empregados, o que faz da personagem um exemplo de guardião esclarecido a ponto de, com maior grau de reflexão analítica, ser uma representativa frente de resistência na qual a figura de guardião faz frente à banalidade do mal (Arendt, 1999). A maestria de Mú não se limita apenas às suas habilidades técnicas ou sobrenaturais, mas também à sua capacidade de discernimento moral e ético, elementos essenciais para evitar a corrosão do mal em sua forma mais trivial e cotidiana.

Segundo o direcionamento acima, Mú de Áries, por seu próprio percurso de sentidos semanticamente examinados, sob os eixos vertical e horizontal de constituição das necessidades arquetípicas, é um guardião cuja performance atualiza as melhores narrativas desenvolvidas nas quais esse tipo de actante auxiliar está inserido ativamente, como acontece em *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Sua atuação como guardião não se restringe à mera proteção física ou ao cumprimento de ordens cegas, mas envolve uma consciência crítica e uma postura ética que o tornam um símbolo de resistência contra a opressão e a degradação moral. Assim, Mú personifica a ideia de que o verdadeiro guardião não é apenas aquele que defende um espaço ou uma causa, mas aquele que preserva os valores fundamentais da humanidade, mesmo em face da banalidade do mal.

Em síntese, a análise dos eixos horizontal e vertical na construção arquetípica de Mú de Áries revela uma personagem profundamente complexa e multifacetada, cuja atuação transcende os limites convencionais do arquétipo do guardião. Sua capacidade de equilibrar pertença e independência, estabilidade e maestria, aliada a uma postura ética e reflexiva, faz dele não apenas um dos cavaleiros mais poderosos, mas também um dos mais humanamente significativos dentro do universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986). Ora, esse protetor de Athena consegue conciliar poder, serenidade, moral e espírito colaborativo como poucos outros actantes do universo de CDZ. Dessa forma, pode-se afirmar que Mú emerge como uma figura emblemática, cujo projeto narrativo ressoa com as questões mais profundas da condição humana, oferecendo um contraponto à banalidade do mal e reforçando a importância da consciência e da integridade em tempos de crise.

Considerações finais

Em vista do cumprimento do objetivo deste artigo, descrever e interpretar, sob a perspectiva da semiótica arquetípica, a actância do guardião presente em Mú de CDZ, verificou-se que a arquetipia dessa personagem constitui uma semiose narrativa específica, segundo as sequências de estágios delineados por Campbell (2007), passando por praticamente todas as fases correspondentes à composição do herói; observou-se também que, das emanções do herói, desenhadas por Vogler (2006), o ariano representa a égide do guardião de limiar; então, examinou-se o funcionamento do projeto semiótico dele conforme as quatro fases da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). Para esmiuçar a investigação das emoções na arquitetura semiótica do arquétipo do guardião operado pelo actante em questão, empregaram-se os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003). Ao explorar esses elementos, foi possível compreender como as emoções e os valores subjacentes ao arquétipo do guardião manifestam-se na narrativa, moldando não apenas as ações da personagem, mas também sua relação com os demais actantes e com o universo ficcional em que está inserido.

A análise semiótica do arquétipo do guardião na personagem Mú de Áries, no universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), revela uma construção narrativa profundamente rica e multifacetada, que transcende a mera função de proteção física para adentrar em questões éticas, morais e simbólicas. Mú, como representante do arquétipo do guardião, não se limita a ser um mero defensor do santuário de Athena; ele personifica a resistência à banalidade do mal (Arendt, 1999), atuando como um símbolo de integridade e discernimento em um contexto marcado por conflitos e corrupção. Sua atuação como guardião é atualizada de maneira singular, equilibrando pertença e independência, estabilidade e maestria, em um jogo de sentidos que reflete a complexidade da condição humana.

No eixo horizontal, pertença-independência, Mú demonstra uma dualidade que o distingue dos demais cavaleiros de ouro. Ele pertence à elite dos cavaleiros dourados, mas sua independência em relação ao Grande Mestre do santuário o coloca em uma posição singular. Sua recusa em seguir ordens que considera moralmente questionáveis evidencia uma consciência crítica e uma postura ética que o tornam um guardião não apenas do espaço físico, mas também dos valores que o santuário deveria representar. Essa independência, no entanto, não o afasta de sua função primordial: proteger Athena e auxiliar os cavaleiros de bronze em sua jornada. Mú é, portanto, um exemplo de como a pertença a um grupo pode coexistir com a autonomia individual, desde que guiada por princípios éticos sólidos.

No eixo vertical, estabilidade-maestria, Mú destaca-se por suas habilidades únicas, como a capacidade de reparar armaduras e o domínio de poderes como telecinese, telepatia e teletransporte. Essas habilidades não são apenas demonstrações de poder, mas também ferramentas que ele utiliza para cumprir sua função de guardião de maneira eficiente e serena. Sua maestria não se limita ao aspecto técnico; ela se estende ao campo moral, onde Mú se mostra como um dos personagens mais equilibrados e colaborativos do universo de *CDZ*. Sua serenidade e discernimento são características que o aproximam do arquétipo do sábio, mas que, no contexto da narrativa, servem para reforçar seu papel como guardião. Ele não apenas protege, mas também orienta e instrui, preparando os cavaleiros de bronze para os desafios que enfrentarão.

A atualização do arquétipo do guardião em Mú de Áries também pode ser compreendida à luz da jornada do herói (Campbell, 2007) e das fases narrativas (Platão; Fiorin, 1993). Embora Mú não seja o protagonista da trama, sua atuação como mentor e auxiliar dos cavaleiros de bronze o coloca em uma posição central no desenvolvimento da narrativa. Ele cumpre as etapas de manipulação, competência, performance e sanção de maneira exemplar, demonstrando que o arquétipo do guardião pode ser tão complexo e significativo quanto o do herói. Sua sanção, o restabelecimento da saúde de Athena e a derrota do Grande Mestre, é o coroamento de uma atuação que vai além da mera proteção física, alcançando um nível simbólico e moral.

Além dos aspectos mencionados acima, a investigação das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) confirma que Mú é um guardião que equilibra de maneira harmoniosa os polos semânticos de pertença e independência, estabilidade e maestria. Essa dualidade não apenas enriquece sua personagem, mas também reflete a complexidade do arquétipo do guardião, que pode ser tanto um defensor do status quo quanto um agente de mudança, dependendo do contexto narrativo. Mú é, portanto, um exemplo de como o arquétipo do guardião pode ser atualizado de maneira a incorporar elementos de resistência ética e moral, tornando-se uma figura emblemática em um universo ficcional marcado por conflitos e desafios.

Para encerrar, a análise semiótico-arquetípica de Mú de Áries revela que o arquétipo do guardião, quando bem construído e atualizado, pode transcender sua função inicial de proteção para se tornar um símbolo de resistência, integridade e discernimento. Mú não é apenas um guardião do santuário; ele é um guardião dos valores que o santuário deveria representar. Sua atuação como mentor, restaurador e protetor demonstra que o verdadeiro guardião não é aquele que obedece cegamente, mas aquele que age com consciência e ética, mesmo em face da banalidade do mal. Portanto, Mú de Áries emerge como uma das personagens mais significativas e humanamente complexas do universo de *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), oferecendo um contraponto à corrupção e à degradação moral e reforçando a importância da consciência e da integridade em tempos de crise.

Referências

Revista de Letras Norte@mentos

257

Estudos Linguísticos, Sinop, v. 18, n. 54, p. 241-261, set. 2025.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BARBOSA, Maquerle dos Santos. *Os Cavaleiros do Zodíaco: o animê como material didático para o ensino de história*. 2018. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/9554>. Acesso em: 24 fev. 2025.

BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria do discurso: Fundamentos semióticos*. 3 ed. São Paulo: Humanitas /FLLCH/ USP, 2001.

BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria semiótica do texto*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

BEZERRA, Emerson Aparecido dos Santos. *A recepção de mitologias clássicas no mangá Os Cavaleiros do Zodíaco*. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/68929>. Acesso em: 24 fev. 2025.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 10 ed. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

DE MASI, Domenico. *Uma simples revolução*. Trad. Yadyr Figueiredo. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

ECO, Umberto. *O signo*. Trad. Maria de Fátima Marinho. 2 ed. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. Trad. Monica Stahel. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018.

FREIRE, Francisco Allan Montenegro. *Tradução de histórias em quadrinhos japonesas: análise do mangá "Cavaleiros do Zodíaco" no Brasil*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/54108>. Acesso em: 24 fev. 2025.

GREIMAS, Algirdas Julius.; COURTÈS; Joseph. *Dicionário de semiótica*. Trad. Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Cultrix, 1989.

GRINBERG, Luiz Paulo. *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD, 1997.

JUNG, Carl Gustav. *A vida simbólica: escritos diversos* (vol. I). Trad. Araceli Elman et. al. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Trad. de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HILLMAN, James. *Psicologia arquetípica: uma introdução concisa*. Trad. Lucia Rosemberg e Gustavo Barcelos. 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2022.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. *O Herói e o Fora-da-Lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos*. Trad. Merle Scoss. São Paulo: Cultrix, 2003.

OS CAVALEIROS DO ZODÍACO. *Criação de Masami Kurumada*. Japão: TV Asahi, 1986, son., color. Série animada exibida no Brasil pela rede Manchete em 1994.

PEREIRA, Gerlany de Fátima dos Santos et al. Mangás, animes e ciência: os Cavaleiros do Zodíaco e suas potencialidades para o ensino de ciências da natureza e matemática. *Caderno Pedagógico, Curitiba*, v. 21, n. 6, p. e4883, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.54033/cadpedv21n6-103>. Acesso em: 24 fev. 2025.

PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.

PLATÃO, Savioli, Francisco. FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: leitura e produção*. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

PRILLA, João Paulo Vicente. Cavaleiros do Zodíaco: um mangá teopoético. *9ª Arte* (São Paulo), São Paulo, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2316-9877.Dossie.2023.e219549>. Acesso em: 24 fev. 2025.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Trad. Jasna Paravich Sarhan. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

QUINTÁS, Alfonso López. *O conhecimento dos valores: introdução metodológica*. Trad. Gabriel Parissé. São Paulo: É Realizações, 2016.

Revista de Letras Norte@mentos

259

Estudos Linguísticos, Sinop, v. 18, n. 54, p. 241-261, set. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. *Percurso linguístico: conceitos, críticas e apontamentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku. *Porto das Letras*, Vol. 06, Nº especial. 2020. p. 113-128. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9955>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z. *Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek*, Rio Grande, v.3, n.5, p. 23-35, jan.jun. 2021a. Disponível em: <https://revistaestudosnerd.wixsite.com/estudosnerd/v-3-n-5-2021>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z. *Revista Tabuleiro de Letras*, v. 15, n. 01, p. 29-43, jan./jun. 2021b. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/10657>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do inocente: funcionamento do arquétipo de Son Gohan em Dragon Ball Z. *Tabuleiro de Letras*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 205–218, 2023. DOI: 10.35499/tl.v17i1.16562. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/16562>. Acesso em: 24 fev. 2025.

SOARES, Thiago Barbosa. Discursividades presentes em “OS CAVALEIROS DO ZODÍACO”: uma análise do diálogo entre Máscara da Morte e Mestre Ancião. *Infinitum: Revista Multidisciplinar*, v. 7, n. 14, p. 41–62, 17 Nov. 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/infinitum/article/view/23781>. Acesso em: 24 fev. 2025.

TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006.

VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. Trad. Ana Maria Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Recebido em: 05 de março de 2025

Aceito em: 15 de março de 2025